



## Entre conhecimentos situados, perspetivas parciais, posicionalidades e localizações - contributos de Donna Haraway para outra(s) geografia(s)

Nuno Rodrigues<sup>(a)</sup>

(a) DINÂMIA`CET-IUL, ISCTE-IUL, [nmdrodrigues@gmail.com](mailto:nmdrodrigues@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação pretende contribuir para a discussão no campo das epistemologias feministas, em particular através da exploração da proposta de “conhecimentos situados” de Donna Haraway. Em primeiro lugar, serão abordadas algumas das principais discussões no âmbito das epistemologias feministas, e das geografias feministas em particular. Posteriormente, será apresentada e discutida a já referida proposta de Haraway. Entre outras questões, será explorada a forma como tal proposta permite ir além da oposição entre posições universalistas e relativistas, deslocando o conceito de objetividade de forma a reconhecer o carácter sempre situado, parcial, contextual e localizado do conhecimento. Além disso, serão ainda exploradas as relações entre diferentes localizações, através do estabelecimento de redes, conexões e práticas de diálogo, as quais implicam a consideração das dimensões éticas e políticas envolvidas. Por último, será explorada a crítica que a autora faz em relação a diversas formas de conhecimento dicotómico.

**Palavras-chave:** Epistemologias feministas; Geografias Feministas; Conhecimentos Situados.

### 1. Epistemologias e Geografias Feministas

As epistemologias feministas, as quais devem ser referidas tendo em conta a sua própria multiplicidade interna e o contínuo processo de discussão e contestação que as caracterizam, têm protagonizado algumas das principais discussões epistemológicas nas mais recentes décadas. Entre as várias discussões (Azevedo, 2009; Moss, 2005; Nelson e Seager, 2005; Oliveira e Amâncio, 2006; Oliveira, 2010; Rose, 1993; Silva, 2010a, 2010b; Tavares *et al*, 2009), as quais vão no sentido da crítica e desconstrução do carácter androcêntrico e *genderizado* da ciência, podem salientar-se alguns temas. Desde logo, a crítica à ausência de mulheres na ciência, em particular em posições de maior protagonismo, bem como a existência de outras formas de discriminação. A crítica a formas de pensamento dicotómicas/binárias, como seja a dicotomia entre sujeito-objeto, corpo-mente, ou entre masculino e feminino - sendo que, como refere Gillian Rose, tal forma de pensamento considerou a racionalidade como uma característica masculina e a irracionalidade a uma dimensão feminina (Rose, 1993: 7-9). A crítica às conceções de conhecimento assentes nos ideais de objetividade e neutralidade, bem como de um conhecimento universal, total e exaustivo<sup>1</sup>. Sendo, pelo contrário, cada vez mais salientando a necessidade de reflexividade e de a/o investigador/a assumir a sua própria posicionalidade, salientando-se o papel da experiência pessoal e posição da/o investigador/a. Tais discussões têm igualmente denunciado as

---

<sup>1</sup> Algo que, em parte, é reflexo de uma influência cartesiana, considerando de forma dicotómica corpo e mente, e que: “(...) assumes a knower who believes he can separate himself from his body, emotions, values, past and so on, so that he and his thought are autonomous, context-free and objective.” (Rose, 1993: 7).



ausências e invisibilidades de determinadas identidades, experiências e grupos sociais - as quais favorecem a reprodução de relações de poder e desigualdades. Algo que se reflete nos temas de pesquisa, nos conceitos utilizados, metodologias aplicadas, bem como nas restantes atividades académicas. Além disso, e de forma relacionada quer com as críticas anteriores quer com a própria dimensão política do feminismo, é de salientar a não separação entre política e ciência - separação que poderia ser vista quer como uma “falsa neutralidade”, quer como o não reconhecimento da influência das próprias posições da/o investigador/a. Ao invés, defende-se a construção de conhecimentos que permitam desconstruir as relações de poder existentes, bem como capazes de promover visibilidade.

Várias destas questões refletem-se na geografia<sup>2</sup>. Desde logo, e como salienta Gillian Rose (1993), também o conhecimento geográfico pretende a exaustividade - assumindo, pelo menos em princípio, que o mundo pode ser totalmente conhecido e compreendido (*ibid.*: 6-7). Um projeto de conhecimento que é o reflexo de uma perspetiva que considera a sua posição como objetiva e universal, sem considerar as relações de poder envolvidas nem a sua própria posição, a qual é tomada como “não-problemática” para o processo de conhecimento (*ibid.*). Sendo que, na geografia contemporânea, a autora continua a identificar a existência de um “Mesmo/Nós” não problematizado, o qual depende de um “Outro” invisível/ausente, como é o caso de um “Outro” feminino - entre “outros” ausentes, dado que, segundo Rose, nas relações entre conhecimento e poder na geografia, também as dimensões de classe, etnicidade/“raça” e sexualidade devem ser consideradas. No entanto, a autora salienta que o “sujeito dominante” não é monolítico, nem apresenta uma característica considerada de forma essencialista, transcendente e a-histórica - pelo contrário, a autora refere a dimensão social e culturalmente construída, relacional e processual de tal situação (*ibid.*: 9-11).

## 2. Conhecimentos Situados

Como referido, o foque deste artigo é a proposta de Donna Haraway (1988). No seu artigo, a autora começa por contextualizar alguns dos debates feministas em torno de ciência, sendo crítica de duas posições, tomadas pela autora como dicotómicas, em relação à questão da objetividade (Haraway, 1988: 576-577). Uma, correspondente ao construtivismo social, argumenta que qualquer “reivindicação de conhecimento” diz respeito a uma relação de poder, e não à procura de algo que poderia ser considerado como “verdadeiro”. A ciência reduzir-se-ia, assim, a uma construção, sendo a objectividade e o método

---

<sup>2</sup> Como refere Ana Alves, tal modelo de racionalidade estabeleceu-se “(...) relegando, segundo a geógrafa Linda McDowel (1999) a visão feminina para um segundo plano, gerando-se uma forte invisibilidade do seu trabalho e da sua maneira de pensar no processo de produção de espaço por meio de alguns fatores fundamentais tais como o facto da ciência geográfica privilegiar paisagens e tendências hegemónicas, assim como a tradição na abordagem de aspetos físicos e visíveis no espaço, o apego a dados quantitativos, a busca da neutralidade científica e a abordagem economicista da perspetiva marxista.” (Alves, 2013: 16).



científico algo de “ideológico”, uma retórica que procura esconder a forma como “realmente a ciência seria realizada”, com o objetivo de reproduzir relações de poder (*ibid.*). Outra posição diz respeito ao empirismo feminista, o qual continua a defender a noção de objetividade, ainda que, ao mesmo tempo, também aplicaria algumas das ferramentas do construtivismo radical com o objetivo de salientar e desconstruir a construção e contingência histórica do conhecimento (*ibid.*: 579).

Para Haraway, uma epistemologia feminista deve continuar a procurar uma melhor consideração e representação da realidade, com o objetivo de poder criticar e desconstruir da melhor forma as relações de poder existentes - algo que remete para uma dimensão ética e política do conhecimento (*ibid.*). Haraway pretende uma ciência que seja, ao mesmo tempo, um reconhecimento da contingência da história em relação a todo o conhecimento produzido, ao seu contexto e seus “sujeitos conhecedores”; uma prática que reconheça criticamente as tecnologias semióticas que produzem significados; e um compromisso com credíveis representações de uma realidade, para que o conhecimento contribua para o referido compromisso ético e político (*ibid.*). Haraway defende o aproveitamento da capacidade de teorias críticas, a criação de redes e conexões, a tradução de conhecimentos entre diferentes comunidades e localizações, e de, no seguimento da dimensão ética e política já referida, que tal contribua para a alteração de relações de poder, de significados e corpos, de realidade (*ibid.*: 579-580). Esta proposta permite conceber de outra forma a noção de objectividade, indo para lá de posições empiristas ou construtivistas, bem como de posições universalistas totalizadoras e posições relativistas. Em primeiro lugar, a autora leva-nos a reconhecer a dimensão corporizada da visão, criticando os “sistemas sensoriais” usados para associar a ciência a um “olhar” (*gaze*) de lugar nenhum, descorporizado, separado e acima do objeto, utilizado para “marcar” outros corpos em posições “subjugadas”, e associado a diferentes sistemas de dominação - um olhar que reclama “o poder de ver e de não ser visto”, de “representar ao mesmo tempo que pretende escapar a ser representado” (*ibid.*: 581). Para Haraway, a objetividade só é atingida reconhecendo a nossa situação, a localização onde nos encontramos e partimos, a nossa perspetiva sempre parcial, e nunca de um “lugar nenhum” transcendente e capaz de “visão infinita” - algo que Haraway toma como ilusório e denomina de “*god trick*”, e que igualmente remete para uma falsa “separação sujeito-objeto” (*ibid.*: 581-583).

Haraway, como já salientado, refere que o conhecimento é situado e localizado, ainda que tal não implique a impossibilidade de estabelecer redes entre diferentes localizações - mesmo tal pressuponha uma forma de inquirição crítica e responsável, evitando perspetivas romantizadas e possíveis apropriações, em particular quando se pretende “ver a partir de baixo” (*ibid.*: 583-585). A autora salienta que tal posicionamento não implica nem uma posição totalizadora nem uma posição relativista - posições que a autora toma como “*god tricks*”. Isto porque, segundo Haraway, o reconhecimento da impossibilidade de posições totalizadoras, únicas e “autoritárias” da ciência moderna não nos deverá fazer abraçar o relativismo - antes, reconhecer a possibilidade de construção de um conhecimento que,



mesmo partindo de uma determinada localização e situação, e de determinadas perspectivas parciais, procure criar redes, conexões e diálogos com outras localizações <sup>3</sup> (*ibid.*: 584). A autora defende uma prática da ciência que “privilegie contestação, desconstrução, construção apaixonada, conexões em rede, e esperança na transformação dos sistemas de conhecimento, formas de vida e relações de dominação”, uma prática capaz de evitar “relativismos fáceis, holismos parciais e dicotomias” (*ibid.*: 585).

Haraway salienta a necessidade de uma constante interrogação da responsabilidade e posicionalidade de “quem vê e diz conhecer”, ainda que seja igualmente negada a sua imutabilidade - pelo contrário, refere-se a multiplicidade, dimensão relacional e contínuo processo de transformação dos sujeitos<sup>4</sup> (*ibid.*: 585-587). Para Haraway, um “ser” contraditório e inacabado é aquele que apresenta a capacidade de constantemente interrogar de forma crítica e responsável, e de construir redes e ligações parciais entre diferentes situações e posições - sendo a partir de tal posicionamento crítico que a objetividade pode ser alcançada (*ibid.*). Implica o reconhecimento das tensões entre posições, as continuidades e descontinuidades, resistências e cumplicidades entre as diferentes posições/localizações, sem as tomar como “fixas” e discretas entre si (*ibid.*: 588). Uma responsabilização que depende de um conhecimento “voltado para a ressonância e não para a dicotomia”, para redes de e entre localizações e não para localizações fixas e reificadas (*ibid.*). Algo que remete ainda para uma ideia coletiva do conhecimento, bem como para a já referida uma dimensão ética e política<sup>5</sup> (*ibid.*: 585-588). Haraway refere que o

<sup>3</sup> Segundo Haraway: “But the alternative to relativism is not totalization and single vision, which is always finally the unmarked category whose power depends on systematic narrowing and obscuring. The alternative to relativism is partial, locatable, critical knowledges sustaining the possibility of webs of connections called solidarity in politics and shared conversations in epistemology. Relativism is a way of being nowhere while claiming to be everywhere equally. The “equality” of positioning is a denial of responsibility and critical inquiry. Relativism is the perfect mirror twin of totalization in the ideologies of objectivity; both deny the stakes in location, embodiment, and partial perspective; both make it impossible to see well. Relativism and totalization are both “god tricks” promising visions from everywhere and nowhere equally and fully, common myths in rhetorics surrounding Science. But it is precisely in the politics and epistemology of partial perspectives that the possibility of sustained, rational, objective inquiry rests.” (*ibid.*: 584).

<sup>4</sup> Relativamente ao “ser/sujeito” que “vê”, a autora salienta a forma como tal acto é, em si, um acto envolto em relações de poder - um “poder de ver”. Algo ainda mais problemático quando se pretende “ver” a partir de outras posições, implicando tal “movimento” dimensões éticas e a consideração das relações de poder envolvidas - mesmo que o nosso “ser” também seja problemático, múltiplo e contingente (*ibid.*: 585). O “ser” é contingente e instável, móvel - sendo que um “posicionamento móvel” não se coaduna com uma “inocente política de identidade” ou “epistemologias que pretendem ver a partir das posições de outras posições de forma a ver bem” (*ibid.*). Segundo Haraway, trata-se não de um “ser” unitário e tomado de forma essencialista, mas antes de uma posição inacabada, contraditória, processual e sempre aberta (*ibid.*: 585-587).

<sup>5</sup> Como salienta Oliveira, na sua leitura de Haraway, trata-se de um conhecimento construído “com” e entre outras localizações e visões, estabelecendo-se entre redes/relações: “Trata-se de utilizar o privilégio da perspectiva parcial que nos permite estar simultaneamente inserid@s no quadro do objecto e produzir conhecimento sobre ele, a partir dessa inserção. O contributo desta análise para as epistemologias feministas implica uma mudança de concepção. Os projectos de pesquisa de conhecimentos situados não são marcados pelo distanciamento positivista com pretensões de universalidade ou neutralidade. São antes, uma pesquisa marcada pela interpretação necessariamente parcial e por isso, não pretende constituir-se como uma explicação de factos ou constituição de modelos teóricos reprodutíveis a outras situações. Assumir o papel de *testemunhas modestas* como propõe Haraway (Haraway, 1998), implica sujeitos situados, produtor@s de conhecimentos contextuais e responsáveis localizáveis pela produção desse conhecimento.” (Oliveira, 2010: 35).



conhecimento deve ser visto como um processo contínuo, uma relação crítica entre “campos interpretativos e significados descodificados” - sempre aberto à contestação, a práticas de conversação e tradução que devem ser críticas e atentas às relações de poder em presença (*ibid.*: 590). Um conhecimento sempre situado, mas procurando estabelecer ligações e políticas de solidariedade capazes de juntar as diferentes perspectivas parciais e posições menos privilegiadas, com o objetivo de criar ligações e comunidades, e de, assim, permitir “aberturas do possível”<sup>6</sup> (*ibid.*).

Por último, a proposta de conhecimentos situados de Haraway implica ainda uma crítica de dicotomias várias. Desde logo, Haraway, sobre a possibilidade de um acesso e conhecimento objetivo do “mundo real”, critica as posições que consideram que tal aconteceria independentemente da sua mediação e do quão complexo e contraditório o “mundo real” possa ser - como se a realidade e o “mundo” se tratasse de um objeto passivo e inerte, imediatamente acessível, à espera de ser conhecido e “utilizado/apropriado” como “objeto de conhecimento”, de uma forma meramente instrumental (*ibid.*: 591-592). A crítica à dicotomia sujeito-objeto pretende não só salientar as relações entre os dois, mas criticar uma posição de um “sujeito conhecedor” que se “vê” acima do “seu” objeto - posições que tendem a considerar o sujeito do conhecimento como detentor de todo o poder, ao mesmo tempo que negando qualquer agência ao objecto de conhecimento (*ibid.*). A crítica de Haraway leva-a a defender que o “objeto de conhecimento” não seja tomado como algo de simplesmente apropriável e sem agência, mas antes reconhecendo as relações de interdependência e de poder que se estabelecem entre “sujeito” e “objeto” no processo de conhecimento (*ibid.*: 591-593). Para Haraway, torna-se necessário ultrapassar tais dicotomias, passando a considerar os “objetos” simultaneamente como agentes e atores, e em que agência do “objeto” se torna ainda mais relevante devido às dimensões éticas implicadas - em particular, no caso das ciências sociais e humanas (*ibid.*). Algo que igualmente se relaciona com a necessidade de reconhecer as dimensões simultaneamente materiais e semióticas dos atores, a sua agência e dimensão produtiva e desestabilizadora de significados e corpos, generativo de nós e de fronteiras que se materializam através da interação, e cujas fronteiras são construídas de forma relacional - e, que, no seguimento da própria dimensão ética e política defendida por Haraway, possibilitam a construção de algo novo, uma “abertura do possível”, sempre de forma processual e aberta (*ibid.*: 595-596).

### 3. Notas Finais

---

<sup>6</sup> Como refere Haraway: “The science question in feminism is about objectivity as positioned rationality. Its images are not the products of escape and transcendence of limits (the view from above) but the joining of partial views and halting voices into a collective subject position that promises a vision of the means of ongoing finite embodiment, of living with limits and contradictions - of views from somewhere.” (Haraway, 1988: 590).



A proposta apresentada permite ir além dos debates entre posições universalistas e relativistas, fazendo uma crítica ao que a autora denomina de “*god trick*”, e deslocando os próprios conceitos de objetividade e de racionalidade. Haraway salienta que o conhecimento é sempre contextual, parcial, situado e corporizado, dependente de uma dada posição e localização. No entanto, também salienta a possibilidade de estabelecer conexões/redes e diálogos, bem como a dimensão coletiva, ética e política do conhecimento. Por último, critica várias formas de pensamento dicotómico, seja entre posições universalistas e relativistas, ciência e política, ciência e ética, localização e conexões/redes, seja nas oposições entre sujeito e objeto, material e semiótico, entre outras.

A ligação entre os conhecimentos situados e a geografia passa, desde logo, por uma dimensão epistemológica, mas não só (Azevedo, 2009). Esta proposta não deve, contudo, ficar restrita às geografias feministas ou às geografias de género e sexualidades, dado que as suas críticas e potencialidades contribuirão para uma reflexão mais alargada e abrangente da disciplina, no seu todo. Seguindo a recomendação de Haraway, importa considerar a nossa própria situação, localização e dimensão corporizada, mas, ao mesmo tempo, estabelecer redes, conexões e práticas de diálogo e de tradução com outras localizações, considerando as relações de poder em presença e sem deixar a dimensão ética e política de lado.

#### 4. Bibliografia

- Alves, A. (2013). Moda, Cultura e Corporeidades. *GeoPlanUM*. [Online] II Edição, 11–19. Disponível em: [files.geoplanum.webnode.pt/200005035.../Artigo\\_Catarina%20alves.pdf](http://files.geoplanum.webnode.pt/200005035.../Artigo_Catarina%20alves.pdf) [Acedido em 31 de agosto de 2014]
- Azevedo, A. F. (2009), Desgeografização do Corpo. Uma Política de Lugar. In Azevedo, A.F., Pimenta, J.R, Sarmiento, J. (Org.) *Geografias do Corpo* (pp. 31-80). Porto e Lisboa: Figueirinhas.
- Haraway, D. (1988), “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”, *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, pp. 575-599.
- Moss, P. (2005). A Bodily Notion of Research: Power, Difference, and Specificity in Feminist Methodology. In Nelson, L. e Seager, J. (Ed.), *A companion to feminist geography* (pp. 41-59). Blackwell Publishing.
- Nelson, L. e Seager, J. (2005). Introduction. In Nelson, L. and Seager, J. (Ed.), *A companion to feminist geography* (pp. 1-11). Blackwell Publishing.
- Oliveira, J. (2010). Os feminismos habitam espaços hifenizados - a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. *Ex-aequo*, 22, 25-39.
- Oliveira, J. e Amâncio, L. (2006) Teorias Feministas e Representações Sociais: Desafios dos Conhecimentos Situados para a Psicologia Social. *Revista Estudos Feministas*, 14 (3), 597-615.
- Rose, G. (1993). *Feminism and Geography - The Limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press.
- Silva, J. (2010a). Conhecimento geográfico e complexidade: a perspectiva feminista da ciência. Anais - III Encontro de Geografia - A Geografia e suas vertentes: reflexões.
- Silva, J. (2010b). Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. *Espaço e Cultura*, 27, 39-55.
- Tavares, M.; Coelho, S.; Góis, M. (2009). O debate epistemológico nos estudos feministas. Seminário Interdisciplinar - Género e Ciências Sociais.